

De Oxum para Iemanjá: experiências de filhos e filhas de santo em Teresina no século XX, percepções iniciais de uma pesquisa em andamento.

Robério Américo do Carmo Souza¹

Depois de audiência pública realizada na manhã desta sexta-feira (19), na Câmara Municipal de Teresina, com as comunidades de religiões de matriz africana, a vereadora Rosário Bezerra(PT) vai apresentar um indicativo de projeto de Lei para isenção dos terreiros do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU). A proposta contou com o apoio do vereador Edvaldo Marques(PSB), que também assinará o projeto. A isenção do imposto já ocorre para igrejas católicas, o pensamento da vereadora é que seja estendida para religiões de matriz africana, que possuem muitos seguidores e ainda assim são discriminadas¹

Recém chegado que era à capital do Piauí, confesso aqui a surpresa que tive ao me deparar com a notícia acima transcrita. Como todo forasteiro, tinha eu uma visão pré-concebida da cidade que então me acolhia, visão esta que não comportava o fato terem as religiosidades afro-brasileiras um destaque tal, ao ponto de serem objeto de Lei Municipal que as equiparara, do ponto de vista tributário, à Igreja Católica, instituição basilar do fazer religioso brasileiro e sertanejo em especial. A mesma matéria jornalística, afirma que existem (ou existiam no ano de 2009) cerca de 300 terreiros de umbanda e candomblé em Teresina, número bem superior ao de templos católicos, que somam pouco mais de uma centena.

O impacto inicial foi reforçado quando em 2 de fevereiro de 2010, dia de Iemanjá, assiste a uma multidão não inferior a cinco mil de fiéis umbandistas reunida às margens do Rio Parnaíba (rio que separa a cidade de Teresina no Piauí da cidade de Timon no Maranhão) diante de uma imagem pública da "Rainha do Mar", ali posta pela Prefeitura Municipal em 1986, em atendimento a uma solicitação popular, para levar suas oferendas. O ritual se dá no rio porque Teresina está distante mais de 300 km do mar. As margens do Parnaíba ou em barcos ao longo do leito do rio, os umbandistas depositam seus presentes e pedem a Oxum, deusa yorubá das águas doces, que os leve até o mar, que os leve à sua irmã Iemanjá. Esta cerimônia, que se realiza na cidade há mais de cinco décadas, foi a inspiração para o título deste projeto de pesquisa e evidencia a riqueza da experiência umbandista em Teresina.

Quadros estatísticos, gerados a partir de grandes e qualificadas pesquisas nacionais como *Economia das Religiões* (2007) e *Novo Mapa das Religiões* (2011), do CPS/FGV, entre outras apontam uma presença insignificante de adeptos de religiões afro-brasileiras na cidade de Teresina, o que com o passar do tempo reforçou minhas inquietações a respeito do tema do lugar da Umbanda no cenário religioso da sociedade teresinense.

O que dá aos teresinenses praticantes de religiosidade afro-brasileira força política para propor projetos de lei em seu benefício? Quais as origens da prática umbandista em Teresina? Como e por que ela se constituiu como uma religiosidade de tanta projeção em um lugar com identidade religiosa tão fortemente marcada pelo catolicismo? Quem foram seus primeiros praticantes? Quais foram suas lutas, suas experiências frente à hegemonia católica?

Estas são questões para as quais não há resposta na historiografia local, na os estudos sobre religião e religiosidade estão circunscritos a temas ligados à experiências cristãs, especialmente o catolicismo. A persistência deste “vazio historiográfico” é o maior estímulo para o desenvolvimento desta pesquisa, iniciada em agosto de 2010.

O objetivo central da pesquisa é conduzir uma reflexão histórica sobre o desenvolvimento de práticas religiosas umbandistas em Teresina, ao longo do século XX, por meio de uma investigação sobre o universo da cultura religiosa afro-brasileira como compreensão e prática de sujeitos históricos reais, que fizeram da Umbanda o *locus* privilegiado do seu saber fazer religioso, no século passado.

No cumprimento deste objetivo o que se busca é analisar em que medida a prática da religiosidade umbandista influenciou e foi influenciada pela dinâmica da cultura local, compreendida como um fazer-se contínuo dos sujeitos históricos a ela vinculados. Trata-se de construir meios para historicizar as origens e os caminhos percorridos pela religiosidade umbandista e seus praticantes em Teresina no curso do século X, por meio da investigação do saber-fazer dos terreiros de umbanda, seus ritos e crenças, entendidos como práticas culturais socialmente construídas, e o lugar que ocupam na experiência religiosa da sociedade teresinense do século XX.

1. Construindo o objeto de estudo parte I: a Umbanda como uma construção de seus sujeitos

Tendo dedicado toda a minha trajetória acadêmica ao estudo da inserção e do desenvolvimento histórico do cristianismo protestante numa relação dialógica com os saberes e fazeres da religiosidade popular brasileira, nordestina em especial. O universo das religiões e religiosidades afro-brasileiras se não era algo completamente estranho, também não era um tema sobre o qual podia afirmar ter familiaridade. Por conta desta trajetória, a construção da experiência social da trajetória dos umbandistas como objeto de estudo revelou-se um difícil, mas por isso mesmo instigante, desafio.

A compreensão da realidade como uma construção histórica e cultural que nossas mentes não são capazes de captar tal qual ela se apresenta e em toda sua complexidade, mas que pode ser recomposta pelo pesquisador a partir da reflexão sobre o cotidiano das experiências vividas por seus sujeitos, nos levou a adotar como paradigma de religião e do fazer religioso a proposta de Clifford Geertz, como enunciada em seu clássico *A interpretação das culturas*:

Um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de factualidade, que as disposições e motivações parecem singularmente realistas.ⁱⁱ

A religião e suas práticas são, então, compreendidas como formas de conceber o mundo, matrizes para construção deste mesmo mundo, impregnando-o de signos e valores que ultrapassam o próprio sistema religioso, tendo implicações em espaços outros como a arte, trabalho, educação, política, economia etc. Por sua vez, esses espaços atuam sobre matrizes religiosas transformando-as, num processo contínuo de influências mútuas.

Nesse sentido, um estudo histórico sobre temas ligados ao universo da religião deve tomá-lo não como um fenômeno ou movimento isolado, mas como parte de uma teia de relações sociais chamada cultura, o que obriga à necessária reflexão sobre as relações da religião com aquilo que é externo a ela. Em outras palavras, estudar a religião a partir de uma abordagem historiográfica implica em direcionar o olhar para vivência cotidiana das doutrinas, preceitos, valores morais e éticos, eivada de conflitos, contradições, subordinações e resistências.

Pautado nesta compreensão o que busco nesta pesquisa é refletir sobre a experiência religiosa – entendida como *experiência social da cultura*, no sentido que a

está ideia foi dado por Edward Palmer Thompson, no famoso capítulo X de *A miséria da teoria* – de adeptos da umbanda em diálogo com a trajetória da cidade de Teresina, ao longo do século XX.

Como base nesses preceitos, a definição de umbanda é tomada aqui não como um dado, mas como uma construção a partir da compreensão que dela fazem os teresinenses que a praticam. Esta proposta metodológica se justifica na medida em que possibilita à pesquisa tomar a umbanda como uma construção de seus sujeitos, em diálogo com espaço sócio-histórico em que ela está inserida.

Como resultado desta proposta foi possível inferir algumas distinções entre o entendimento local e a, por assim dizer, narrativa oficial sobre a Umbanda.

Quer na definição dos dicionários de língua portuguesa, quer nos documentos de instituições representativas dos umbandistas em nível nacional, como Associação Brasileira de Terreiros de Umbanda e Candomblé/ABRATU e a Rede Brasileira de Umbanda/RBU, a Umbanda é sempre definida com ênfase em sua condição de *religião afro-brasileira*, forjada a partir de matrizes africanas diversas, mescladas com concepções e práticas religiosas cristãs (católicas e kardecistas) e indígenas.

Nas entrevistas feitas com os umbandistas de quatro diferentes terreiros da cidade de Teresinaⁱⁱⁱ, em eles foram estimulados a narrar suas percepções sobre a história da Umbanda na capital piauiense, é possível perceber a caracterização da Umbanda uma expressão da cultura afro-brasileira não entre eles grande significado. A referência à matriz africana apareceu apenas nas falas de dois pais de santo, ambos militantes de organizações do movimento negro.

Na fala da maioria o vínculo da umbanda com crenças, ritos e práticas de origem africana aparece, invariavelmente, como um argumento depreciativo construído pelos perseguidos e perseguem os terreiros e seus frequentadores no início do século XX.

Diferentemente de outras religiões, a umbanda não possui uma organização centralizada, sendo cada terreiro, ou tenda, como preferem denominar os umbandistas teresinenses, é organizado e dirigido pelo pai ou mãe de santo dentro de uma lógica de grande autonomia de preceitos e liturgia.

Essa descentralização, nos ensina Artur Cesar Isaia, tem papel relevante na geração de um conjunto de compreensões e práticas diferenciadas, legitimadas por heranças e tradições diversas que se propagam no interior da Umbanda, dificultando, ou mesmo inviabilizando, uma definição generalizante e definitiva.^{iv} Desse modo cada

pesquisa precisa buscar compreender a umbanda a partir do fazer-se que assume em cada espaço/tempo específico em que se realiza.

Ainda em estágio inicial, a pesquisa tomar os resultados destas entrevistas apenas como indício para construção de hipótese, ainda a ser comprovada, de que os umbandistas teresinenses buscaram, ao longo de sua trajetória, enfatizar o caráter cristão de sua religião, em detrimento de suas matrizes afro-brasileiras. Ou seja, após as primeiras incursões ao campo, a pesquisa passou a ter como eixo central a reflexão sobre a trajetória dos umbandistas teresinense em relação à tensão entre a matriz cristã e afro-brasileira na construção de uma identidade religiosa.

2. Construindo o objeto de estudo parte II: os(as) filhos(as) de santo e a cidade

A ideia de abordar historicamente a umbanda tem como principal obstáculo a pequena quantidade de fontes produzidas por seus adeptos, quando comparada com o vasto material acervo de documentos elaborados pelos repressores de sua prática. Nesse sentido a busca por uma compreensão das relações dos filhos e filhas de santo da umbanda com cidade de Teresina, ao longo do século XX, tomou como uma fonte fundamental a documentação da repressão policial e da imprensa local, buscando realizar sobre ela o que Walter Benjamin definiu como “escovar a história a contrapelo”.^v

O que se busca é construir um estudo que relacione a História com a cidade, tendo esta não como um palco para o desenrolar dos acontecimentos, mas como elemento fundamental da própria trama histórica se quer desvendar. Nesse sentido, importa pensar a cidade a partir dos espaços praticados, como formulou Michel de Certeau. Em outras palavras, o objetivo não é focar Teresina pela via dos seus lugares instituídos, mas a partir dos significados atribuídos aos espaços urbanos pelos filhos e filhas de santo.

Partindo desta perspectiva, o que se pretende é por em diálogo as narrativas orais dos umbandistas, a diversas matérias da imprensa local que tratam de batidas policiais nos locais de culto de umbanda e os processos criminais envolvendo sacerdotes e filhos e filhas de santo, num esforço por realizar um mapeamento dos territórios utilizados para a realização de ritos umbandistas, que permita uma compreensão das formas de ocupação destes espaços e seus significados na trajetória histórica da umbanda na capital do Piauí.

No atual estágio da pesquisa foram analisadas edições do *Jornal do Piauí*, do ano de 1930 e dos anos de 1940 a 1945 e dois processos crimes, um do ano de 1934 e outro de 1936, em que um homem e uma mulher são acusados de charlatanismo e curandeirismo.

Nos jornais foram localizadas matérias de dois tipos. O primeiro deles são as matérias que fazem denúncias de locais de prática de *macumba* e *feitiçaria*, bem como de seus praticantes, e cobram providências das autoridades policiais e judiciárias. O segundo tipo de matéria traz a cobertura das ações policiais e das prisões dos assim chamados *macumbeiros*.

Nesta fase preliminar da pesquisa o cruzamento das informações obtidas junto ao jornal e aos processos, com as fontes orais construídas a partir das entrevistas anteriormente citadas, aponta o ano de 1932, como sendo o marco inicial da umbanda em Teresina. Naquele ano, segundo relato do Processo Criminal por crime de curandeirismo, movido contra a sr^a Joana Maciel Bezerra, no ano de 1934, a ré, conhecida como Mãe Joanhina, fundara em setembro de 1932, a Tenda Espírita Santa Bárbara, que é apontada por todos os entrevistados como a primeira casa de culto umbandista de Teresina.

Também foi possível contabilizar entre os anos de 1932 e 1945, foram criados na cidade onze tendas de umbanda, sendo que sete deles coexistiram, entre 1939 e 1945. Essas onze tendas estavam distribuídas por várias partes da cidade. Delas um total de seis foram estabelecidas no Centro, ou nas suas imediações. Porém apenas três funcionaram ao mesmo tempo, entre 1938 e 1941.

Interessante perceber que, nas décadas de 1930 e 1940, segundo ensina o historiador Francisco Alcides Nascimento, o Centro da cidade e as suas imediações constituíam a área de moradia da elite teresinense.^{vi}

A presença de um considerável número de tendas na área central da cidade nas primeiras décadas da presença da Umbanda em Teresina contrasta com situação existente neste início de século XXI, em que elas se encontram fundamentalmente nos bairros periféricos e na zona rural da cidade. Refletir sobre os motivos e a própria dinâmica deste deslocamento é uma das metas a serem alcançadas pro esta pesquisa.

Por agora, os esforços estão concentrados na busca de uma compreensão de como se deu a construção do Centro e de suas adjacências como espaço inicial da umbanda em Teresina.

Como hipótese primeira de investigação, ainda em fase de comprovação, a pesquisa aponta, especialmente respaldada nas fontes orais, que a presença das casas de culto de umbanda em áreas nobres da cidade de Teresina, nas décadas iniciais, vincula-se a uma presença considerável de membros de uma pequena burguesia urbana entre os frequentadores das tendas.

Outra ligação elemento que liga fortemente os umbandistas teresinenses às áreas centrais da cidade na primeira metade do século XX, vincula-se à importância do rio Parnaíba como espaço sagrado, especialmente consagrado ao cumprimento dos ritos para Iemanjá, aparece como a divindade mais popular da umbanda em Teresina.

A importância do rio como espaço sagrado e proximidade da comunidade com a elite da cidade é claramente caracterizada quando, no ano de 1960, por ordem da Prefeitura Municipal, atendendo a uma solicitação da UCABEPI (União dos Cultos Afro-Brasileiros do Piauí).

ⁱ Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense/UFF, professor do Programa de Pós-Graduação em História da do Brasil e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Piauí PPHGB/PPGA/UFPI.

ⁱ Jornal *O Dia*. Teresina, 20 de junho de 2009, p.3

ⁱⁱ GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989, p. 105.

ⁱⁱⁱ Até a elaboração deste artigo foram realizadas 12 entrevistas, sendo 4 com pais e mães de santo e 8 com filhos de santos, ligados a 4 diferentes terreiros localizados na cidade de Teresina: Tenda de Umbanda São Jorge, Tenda Espírita Santa Bárbara, Congá São Francisco, Tenda São Francisco das Chagas.

^{iv} ISAIA, Artur Cesar. “Religião e magia na obra dos intelectuais da Umbanda” In: *Projeto História n° 37*, São Paulo: EDUC, 2008, pp. 195-214.

^v BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 222-232.

^{vi} NASCIMENTO, Francisco Alcides Do. *A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina*. 2. ed. Teresina: EDUFPI, 2009